

## O admirável mundo novo da República Velha: o nascimento da ficção científica brasileira

**Alexander Meireles da Silva**

Prof. Doutor em Literatura Comparada (UFRJ)  
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ),  
Centro Universitário ABEU (UNIABEU),  
Instituto Superior Anísio Teixeira (ISAT)

### **Resumo:**

Este trabalho analisa a ascensão e a expressão da vertente romanesca da literatura fantástica conhecida como Ficção Científica dentro do cenário da Literatura Brasileira durante o período da República Velha (1889-1930). Assim como ocorrera na Europa, as grandes questões dos períodos da Belle Époque e do entre guerras promoveram as condições para o surgimento da Ficção Científica no Brasil. Em nosso país, essa forma literária se apresentou através de duas vertentes: a Ciência Gótica, e a Literatura de Distopia. No Brasil, a Ciência Gótica surgiu como resposta ao processo de modernização pelo qual a cidade capital do Rio de Janeiro passou. Já a Literatura de Distopia refletiu o interesse das elites dirigentes com as teorias eugenistas da época e com a constituição miscigenada do povo brasileiro.

**Palavras-chaves:** Literatura Comparada - Literatura Brasileira - Ficção Científica

### **Abstract:**

This work focuses on the rise and expression of the form of fantastic literature known as Science Fiction in the setting of Brazilian Literature during the period of the Old Republic (1889-1930). As it was observed in relation to Europe, the context of the Belle Époque and the period between the two World Wars provided the conditions for the appearance of Science Fiction in Brazil. In this country, this literary form was expressed in two different ways: the Gothic Science and the Dystopian Literature. In Brazil, Gothic Science appeared as a response to the process of modernization to which the capital city of Rio de Janeiro was exposed. Dystopian Literature reflected the interest of Brazilian elites about the eugenic theories of the time and about miscegenation as a crucial element in the constitution of the country's people.

**Key-words:** Comparative Literature - Brazilian Literature - Science Fiction.

**P**or que a Ficção Científica (FC) não obteve em solo brasileiro a mesma penetração conseguida na Europa e nos Estados Unidos por parte tanto do público leitor quanto da crítica literária? A busca pela resposta a essa questão insere este estudo dentro do campo de pesquisa da Literatura Comparada, na medida em que pretende demonstrar de que forma a Literatura Fantástica, através da ficção científica européia e norte-americana, se manifestou dentro do cenário da literatura brasileira nas primeiras décadas do século XX, mais especificamente durante o período histórico conhecido como a República Velha (1889-1930). Para tal propósito são analisados os romances *A Esfinge* (1906), de Coelho Neto e *O Presidente negro, ou O choque das raças* (1926), de Monteiro Lobato.

Como este trabalho demonstra, a ficção científica brasileira apresentou nesse momento duas fases distintas: a primeira, desenvolvida no período cultural conhecido como a *Belle Époque* (1898-1914) reflete a influência das idéias européias, e em especial francesas e inglesas, sobre a sociedade carioca da época nas esferas sociais, científicas e artísticas. Nessa fase se pôde observar a presença de uma ficção científica alicerçada em suas raízes góticas, gerando assim uma vertente chamada de Ciência Gótica.

A segunda fase da ficção científica no Brasil do começo do século XX ficou restrita ao período do entre guerras da República Velha (1914-1930) e foi marcada pelas tensões, angústias e debates do período entre guerras que promoveram a ascensão de regimes totalitários. Assim como na literatura da Inglaterra da época, esse ambiente fomentou no Brasil a definitiva suplantação da literatura de distopia em detrimento das utopias literárias.

A Revolução Industrial no século XIX promoveu o nascimento da ficção científica através do romance gótico *Frankenstein* (1818), da escritora inglesa Mary Shelley. Já na era vitoriana, a FC se desenvolveu em uma nova vertente romanesca nas “Viagens Extraordinárias” do francês Julio Verne e nos “Romances Científicos” do inglês H. G. Wells. No entanto, será nos Estados Unidos da América, nas primeiras décadas do século XX, que o termo “Ficção Científica” será criado através

das revistas *Pulp Amazing Stories* e *Science Wonder Stories*, ambas publicadas pelo editor tcheco naturalizado norte-americano Hugo Gernsback.

O Brasil não conheceu uma *Pulp Era* como a dos norte-americanos. Uma das causas desse fenômeno, segundo Bráulio Tavares, foi o fato de que, diferente do que foi observado no nosso país, o papel transformador desempenhado pelo progresso e a tecnologia no processo de formação da sociedade norte-americana permitiu que a ficção científica encontrasse um meio receptivo junto ao grande público. Outro fator, segundo Murilo Garcia Gabrielli, foi a forte influência da cultura européia, em particular inglesa e francesa, sobre o desenvolvimento da literatura especulativa brasileira no final do século XIX e começo do XX. Esse fator levou a ficção científica brasileira a se relacionar até a década de 1930 com duas vertentes da FC abordadas na Europa: a Ciência Gótica, originária do romance Gótico oitocentista, e a Literatura de Distopia.

Por volta do início do século XIX os efeitos da Revolução Industrial representados na hegemonia do pensamento científico passaram a afetar diversas áreas da expressão humana. A literatura gótica da época não passou incólume por este novo *zeitgeist* e incorporou essa atmosfera em uma nova temática: a Ciência Gótica.

Um subgênero do fantástico definido pela tensão entre o racional e o irracional, a Ciência Gótica, segundo Bráulio Tavares, apresenta histórias que,

[...] têm um pé na ficção científica, utilizando muitos dos seus aparatos exteriores (cenários, personagens, artefatos) mas que se recusam a lidar com a lógica, a verossimilhança e a plausibilidade científica que os adeptos de ficção científica usam [...] Na ciência gótica, a parafernália tecnológica e a pseudo-racionalização materialista estão a serviço de situações bizarras, grotescas, impressionantes. (TAVARES, 2003, p.15)

O exemplo clássico dessa forma literária, como aponta Tavares, é o próprio romance *Frankenstein*, por representar um divisor de águas na Literatura Gótica ao apresentar a ciência como um elemento causador da mesma angústia e inquietação antes exclusivamente gerada pelo sobrenatural.



Semelhante ao que foi observado na Inglaterra, a Ciência Gótica se manifestou nos Estados Unidos durante o Romantismo através dos trabalhos de Edgar Allan Poe e Nathanael Hawthorne. Explorando as teorias sobre as pseudociências de seu tempo e sobre o que se chama hoje de subconsciente, Poe desenvolveu uma obra de forte teor simbolista que muito influenciaram artistas europeus e brasileiros. Em Hawthorne, a idéia central é a luta entre as aspirações incessantes do homem para a perfeição e a imperfeição inerente e incurável de sua natureza. No fim do século XIX a Ciência Gótica encontrou sua expressão através da crítica decadentista ao racionalismo científico presente em Robert Louis Stevenson, Guy de Maupassant e Villiers de L'Isle-Adam.

Refletindo sobre a fragmentação do homem finissecular, a Ciência Gótica se mesclou, no final do século, ao Decadentismo e ao Simbolismo, na tentativa de representação de uma realidade em que a ideologia científica adquiriu um caráter quase religioso, de forte tendência opressora, tendência que, aliada às incertezas políticas das primeiras décadas do século XX, fomentariam a ascensão da Literatura de Distopia.

O debate sobre a presença e efeito da ciência e da tecnologia na vida individual e social tornou-se parte da estrutura da literatura de distopias alcançando sua expressão máxima durante a Revolução Industrial, quando os pensadores políticos, filosóficos e religiosos discutiram sobre as implicações da ciência e do progresso para o homem. Essa discussão pode ser exemplificada pelo trabalho de, entre outros, Karl Marx, Friedrich Nietzsche e Sigmund Freud. Mas, ainda que em fins do século XIX e começos do século XX tenha havido um tom cético dominante marcando a mudança do pensamento utópico para o distópico, as utopias, e sua fé no poder da razão, não estavam mortas. Dois trabalhos literários de H. G. Wells - *Uma utopia moderna* (1905), e *Homens como deuses* (1923) - exemplificam essa persistência do ideal utópico ao mesmo tempo em que fornecem as características básicas que moldaram a ficção distópica moderna, segundo Robert S. Baker, tais como: a adoção da racionalidade como um guia para uma estrutura social, a presença de uma arquitetura opressora e o controle social por meio de uma casta de eleitos. A

importância dos romances de Wells pode ser medida pela sua influência sobre Yevgeny Zamiatin (*Nós* / 1922), Aldous Huxley (*Admirável mundo novo* / 1932) e George Orwell (*Mil novecentos e oitenta e quatro* / 1949), escritores cujas obras estabeleceram as convenções literárias da ficção distópica moderna. Esta visão negativa sobre o pensamento científico é, alias, a mesma que aparece na ficção da Ciência Gótica. É uma visão que caracterizou a manifestação da ficção científica no Brasil no período da *Belle Époque*.

A *Belle Époque* européia foi a culminância de um processo de fins do século XIX e início do século XX caracterizado de um lado pela prosperidade econômica resultante da industrialização rápida e da exploração colonialista, advindas ambas da hegemonia do racionalismo científico, e de outro pela estabilidade política.

Indubitavelmente, nenhuma outra cidade européia incorporou de forma tão completa o espírito desse tempo quanto Paris. A capital francesa viveu durante a *Belle Époque* um período extremamente fértil do ponto de vista artístico e cultural. Foi a época do *art-nouveau*, do *Moulin Rouge*, de Sara Bernhardt e do teatro *boulevard*, de Marcel Proust, de Zola, de Maupassant, de Rimbaud, do nascimento do cinema e do Impressionismo. Além disso, a Exposição Universal, realizada em 1900, por exemplo, trazia a promessa de que a tecnologia ainda podia ser considerada como um instrumento promotor do progresso social e não exclusivamente como um veículo de desestruturação do modo de vida no campo ou de alienação social para as centenas de desempregados das cidades. Em virtude desse quadro, como comenta Jeffrey Needell em "*Rio de Janeiro at the Turn of the Century: modernization and the Parisian ideal*" (1983), não foi surpresa que, como tudo mais que remetesse à França na época, a *Belle Époque* atravessasse o oceano para aportar na capital federal do Brasil do começo do século XX: o Rio de Janeiro. Esse ponto pôde ser observado durante a República Velha (1889-1930), no período dos governos dos presidentes Campos Sales (1898-1902) e Rodrigues Alves (1902-1906), quando uma série de projetos foi colocada em prática para transformar o Rio em uma Paris tropical.

Ao se falar da ficção científica no Brasil na virada do século XIX para o XX, inevitavelmente falamos dos "romances de sensação", ou seja, um subgênero



literário muito popular consumido por uma população carioca que se alfabetizava de forma lenta, mas crescente. Como explica Alessandra El Far em *Páginas de sensação: literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924)* (2004), esse tipo de narrativa trazia histórias singulares, capazes de provocar no leitor emoções pouco experimentadas na previsível rotina do cotidiano. O uso da palavra “sensação” para identificar esse tipo específico de narrativa de finais do século XIX no Brasil, veio da França, onde os romances de aventuras destinados a um sucesso significativo de vendas por conta de um enredo ousado e cativante foram denominados “à sensation”. Sobre isso diz Alessandra El Far: “...foi a entrada em solo tropical das versões portuguesas de Verne, Montepin, Dumas, Belot, Zola, Terrail, dentre vários outros, que popularizou o uso da palavra “sensação” em nosso país.” (EL FAR, 2004, p.117). Mas, o que era considerado um enredo “sensacional”? A temática poderia variar de crimes hediondos até a primeira experiência sexual ou a fascinação causada pela ciência e pelo progresso. Como atesta El Far em relação a este último ponto:

Para esse cidadão urbano, sensacional era ver ou ler sobre a chegada do bonde elétrico, do telégrafo, do telefone, dos raios X, dos primeiros automóveis, do aeroplano, das fantásticas mercadorias anunciadas nos jornais, das largas avenidas, das falas acaloradas de uma nação civilizada, mas também dos efeitos inversos e não calculados que, inevitavelmente, vinham a reboque. O contexto urbano, com toda a sua complexidade e dinâmica, tornava-se palco propício dos acontecimentos dignos de “sensação”, por trazer à tona novas referências, padrões, mecanismos e, com eles, seus efeitos contrários, perversos e imprevisíveis (EL FAR, 2004, p.120).

A população brasileira (e a carioca em particular), afetada profundamente pelo racionalismo de Pereira Passos e Oswaldo Cruz, demonstrou um misto de fascinação e temor em relação ao progresso e a ciência da *Belle Époque* que se tornou matéria prima para narrativas que muito se assemelharam às praticadas pela ficção gótica britânica, norte-americana e francesa de romancistas e contistas como Mary Shelley, Edgar Allan Poe, Robert Louis Stevenson, Nathaniel Hawthorne, H. G. Wells, Guy de Maupassant e Villiers de L'Isle-Adam. Esta semelhança demonstra que os escritores nacionais estavam em consonância com as inquietações e angústias de britânicos, americanos e franceses da virada do século. Estas preocupações se manifestaram na

literatura Brasileira na vertente da ficção científica chamada de Ciência Gótica através das obras de Coelho Neto

O período literário da Belle Époque pode ser visto como um tempo devedor do passado e antecipador do futuro. Mais do que qualquer outro escritor da sua época, Coelho Neto refletiu este cenário não se prendendo a nenhuma escola ou grupo literário ao longo de quarenta anos de escrita nos quais constituiu uma obra de mais de cento e vinte volumes, muitas delas de forte influência simbolista, como bem exemplifica o romance *Esfinge*.

O enredo de *Esfinge* se inicia com as impressões que o grupo de moradores da pensão Barkley no Rio de Janeiro de final do século XIX e começo do XX tem a respeito do mais inusitado morador do local em que vivem: o excêntrico e misterioso inglês James Marian, assim apresentado pela primeira vez no romance pelo narrador:

Era, em verdade, um formoso mancebo, alto e forte, apumado como uma coluna. Mas o que logo surpreendia, pelo contraste, nesse atleta magnífico, era o rosto de feminina e suave beleza. [...] a cabeça de Vênus sobre as espáduas robustíssimas de Marte. (COELHO NETO, 1906, p.13-14)<sup>1</sup>

É interessante perceber que mais até do que o comportamento anti-social e enigmático de James Marian, o que desperta o desconforto e a hostilidade dos moradores em geral é a percepção de que há algo incomum na sua aparência.

Em uma certa noite James Marian surge de uma forma que acaba por aguçar ainda mais a curiosidade do narrador. Ao ouvir gemidos vindos do quarto do inglês, o narrador vê o personagem apavorado com algo: “Atordoado com tamanho imprevisto fiquei sem ação, a olhar aquele homem que se debatia metendo os dedos pela gola da camisa como para alargá-la, agitando aflitivamente a cabeça, em desespero d’ar.” (p.19) Após se acalmar um pouco, James tranquiliza o narrador explicando “que era sujeito àquelas vertigens” (p.20). Este acontecimento aumenta a estranheza que os vizinhos têm em relação do inglês. Como o professor de piano Frederico Brandt declara: “Para mim é um doente da alma.” (p.21). De fato, a

---

<sup>1</sup> Citações subseqüentes pertencem a esta edição e serão identificadas no texto pelo número da página.



descrição do comportamento de James Marian ao longo do romance em muito se assemelha ao observado em Des Esseintes, o protagonista de *Às avessas* (1884), de Huysmans, cuja figura decadente é consumida pela *maladie fin de siècle*. Ambos devotam suas energias, fortunas e inteligências à substituição do natural pelo não-natural e o artificial, em uma existência voltada principalmente para a busca de sensações novas e bizarras. Um exemplo desta postura está na cena narrada por James Marian sobre o seu flunar nas ruas de Londres acompanhado de seu criado Sullivan:

*Íamos ao theatros [sic], às salas de concerto, aos circos colossaes [sic], aos cafés eróticos. [...] No primeiro instante tudo me deslumbrava, mas a admiração dissolviasse em tédio como a poeira que o vento levanta da estrada [...] (p.173).*

Esta ligação de *Esfinge* com *Às avessas* é particularmente relevante quando é lembrado que o desvio sexual e a sensação de perversão moral que James provoca inadvertidamente nas pessoas ao seu redor se constitui como uma das características não apenas do Decadentismo, como bem lembra Mauro Porru, mas também da própria literatura gótica do período como em *Dr Jekyll e Mr Hyde* (1886), de Robert Louis Stevenson, *O retrato de Dorian Gray* (1891), de Oscar Wilde, e *Dracula* (1897), de Bram Stoker.

Além do Decadentismo de James Marian, outro elemento literário que promove a moldura ficcional de *Esfinge* é o Simbolismo. Apesar de todos os personagens do romance apresentarem em algum momento da narrativa a influência desta corrente literária em seus diálogos, indubitavelmente é através do místico oriental Arhat que a presença do Simbolismo pode ser percebida de forma mais direta no romance. Como James Marian revela em uma declaração que resume os princípios do seu criador:

Arhat servia-se do símbolo como expressão do mistério. O que se não pode dizer ou representar figura-se. A cor é símbolo para os olhos, o som é símbolo para os ouvidos, o aroma é símbolo para o olfato, a resistência é símbolo para o tato. A própria vida é símbolo. (p.53).

Estes elementos, que à primeira vista parecem sinalizar a intenção de Coelho Neto em produzir um romance de prosa simbolista que focalizaria a natureza decadentista de James Marian, como fizeram Huysmans e Wilde respectivamente com *Des Esseintes* e *Dorian Gray*, ganham uma nova leitura quando o narrador tem acesso a um romance produzido pelo misterioso inglês no qual está contido o segredo de James Marian. Neste manuscrito descobre-se que, longe de ser apenas uma metáfora, a aparência de esfinge do inglês é o produto de um experimento místico-científico cujo resultado foi a criação de um ser transexual. A partir deste ponto Esfinge se revela como um legítimo representante nacional da Literatura Gótica.

Após ajudar James Marian no seu momento de mal-estar mencionado anteriormente, o narrador ganha a confiança do inglês e este lhe pede a tradução de um romance escrito por ele próprio, no qual está contida a sua excêntrica história. À medida que vai realizando o trabalho de tradução, o narrador toma conhecimento do mistério que cerca a aparência incomum de James. Através deste manuscrito, descobre a figura de Arhat e os estranhos acontecimentos que se sucederam após ele testemunhar, em Londres, um acidente envolvendo um menino e uma menina que aparentemente eram irmãos. Como ele mesmo descreve a James anos depois, a partir dos dois corpos mutilados – uma menina cujo corpo foi esmigalhado e um menino decapitado – ele criou um híbrido, formado por um corpo masculino e uma cabeça feminina. Recorrendo aos seus conhecimentos da “Magna Ciência” (p.159) ele conseguiu trazer o ser à vida:

[...] como ainda encontrasse vestígios, ou melhor: manifestações da presença dos sete princípios, retive a força de jira, ou principio vital, fazendo com que ele atraísse os restantes que circulavam, em aura, em torno da carne e, com a pressa queurgia, aproveitei dos corpos o que não fora atingido. Tomando a cabeça da menina e adaptando-a ao corpo do menino restabeleci a circulação, reavivei os fluidos e assim, retendo os princípios, desde o Athma, que é a própria essência divina, refiz uma vida, em um corpo de homem, que és tu. (p.159)

A passagem acima é reveladora por mostrar as diferentes influências que marcaram o desenvolvimento da Ciência Gótica brasileira em relação ao seu equivalente europeu. Além da presença de um misticismo oriental característico do



Simbolismo, chama a atenção também nesta passagem e em todo o romance *Esfinge*, a utilização de um vocabulário marcado por idéias ligadas à crença da reencarnação. Eram idéias que, segundo Roberto de Sousa Causo, estavam em consonância com uma doutrina religiosa muito em voga no Brasil da *Belle Époque* e na obra de Coelho Neto: o Espiritismo.

A presença do Espiritismo no contexto cultural brasileiro no tempo de Coelho Neto pode ser observada em diferentes contos do escritor brasileiro, como em “O herdeiro” (1926), onde dois médicos conversam sobre o caso de um homem frustrado pela perspectiva de não receber mais a herança da prima rica devido à crença desta de que o filho de uma operária é a reencarnação de seu filho falecido. Mas sem dúvida é em “A conversão” (1926), que vemos as idéias espíritas sendo usadas de forma a mostrar que os produtos da ciência e do progresso tecnológico na *Belle Époque* poderiam, até mesmo, estreitar as fronteiras entre o nosso mundo e o sobrenatural, se constituindo assim em mais um representante da Literatura Gótica brasileira.

Neste conto, dois amigos conversam sobre a inesperada conversão de um deles ao Espiritismo:

Combati, com todas as minhas forças, o que sempre considerei a mais ridícula das superstições. Essa doutrina, hoje triunfante em todo o mundo, não teve, entre nós, adversário mais intransigente nem mais cruel do que eu. (COELHO NETO, 1926, p.19).

A posição dele muda, porém, quando testemunha a conversa da filha Julia com a neta morta Esther através do telefone: “Ouvi toda a conversa e compreendi que nos estamos aproximando da grande Era, que os Tempos se atraem – o finito defronta o infinito e, das fronteiras que os separam, as almas já se comunicam” (COELHO NETO, 1926, p.23). Contudo, é na própria tradição do Gótico europeu que se encontra a mais clara influência sobre a passagem acima na qual a criação de James Marin é apresentada: o romance *Frankenstein*.

Vários pontos presentes na obra de Mary Shelley revelam a direta influência deste romance inglês sobre *Esfinge*. Assim como o jovem estudante de Medicina Victor Frankenstein, Arhat também cria um ser artificial a partir de partes de corpos

humanos e o dota de vida através de um experimento que mescla ciência e misticismo, um tema característico da Literatura Gótica. É importante mencionar que, diferentemente da visão propagada em várias adaptações pelo cinema que sempre privilegiaram o conhecimento científico da personagem e suas experiências com a eletricidade, Victor Frankenstein estava mais inclinado para a Alquimia do que para a ciência, algo que em fins do século XVIII (onde a trama se desenrola) não se configurava uma contradição. Como ele comenta lembrando os seus estudos na juventude:

[...] meu primeiro cuidado foi procurar os trabalhos completos deste autor [Cornelius Agripa], e depois disso de Paracelso e de Alberto Magno. Eu li e estudei as paixões selvagens destes escritores com prazer; [...] (SHELLEY, 1993, p.30, tradução nossa).<sup>2</sup>

O arquétipo do “cientista louco” criado por Shelley a partir da visão romântica de lendas medievais sobre o Judeu Errante, Fausto, a Alquimia, e de personagens de obras literárias como o Satã do *Paraíso perdido* (1667), do poeta inglês John Milton, se perpetuou em personagens da Literatura Gótica como Dr. Moreau (*A ilha do Dr Moreau* / 1898), de H. G. Wells, Dr. Heidegger (“O experimento do Dr. Heidegger” / 1837), Aylmer (“Marca de nascença” / 1843) e Dr. Rappaccini (“A filha de Rappaccini” / 1844), esses três últimos de Nathaniel Hawthorne. Estes dois últimos, personagens respectivamente dos contos “A marca de nascença” e “A filha de Rappaccini”, em muito se assemelham ao personagem Avellar, de outro conto de Coelho Neto, onde os limites entre a ciência e o sobrenatural se interpõem: “A sombra” (1926). Nesta narrativa, estruturada da mesma forma que “O conto do coração denunciador”, de Poe, o protagonista relata como o ciúme que sentia pela esposa, de nome Celuta, o levou a matá-la por envenenamento. No entanto, o

---

<sup>2</sup> “[...] my first care was to procure the whole works of this author [Cornelius Agripa], and afterwards of Paracelsus and Albertus Magnus. I read and studied the wild fancies of these writers with delight; [...]” A tradução desse trecho, assim como de todas as outras pertencentes a obras publicadas em língua inglesa, foi feita pelo autor da presente tese salvo em casos especificadamente mencionados nas Referências.



elemento fantástico do conto está no fato de que, ao contrário do que Avellar esperava, ou seja, uma morte rápida provocada por bacilos de tuberculose inoculados em frutos, Celuta se tornava cada vez mais vigorosa: “[...] o que eu via, e todos o apregoavam em louvores, era o revigamento da vítima, mais robustez, aspecto magnífico, apetite, sono tranqüilo, higidez absoluta.” (COELHO NETO, 1926, p.203). Mesmo após aumentar a dose de todos os microorganismos ao seu alcance, o cientista percebe que nada acontece. Este fato leva Celuta a ser vista por Avellar da mesma forma que a filha de Rappaccini e a mulher na literatura gótica de forma geral como a personificação da morte. O cientista passa então a encarar a esposa como um “depósito de vírus” (COELHO NETO, 1926, p.204), passando a temer o seu suor e a sua saliva. Eventualmente, de fato, Celuta morre devido aos elementos nocivos no seu corpo, porém, ao invés de terminar neste ponto, a trama do conto toma uma nova direção ao mostrar a perseguição da sombra de Celuta a Avellar até que este confesse o seu ato (mais um evidente traço da influência do Espiritismo). Mas, o que chama a atenção na narrativa, é que, ao invés de assumir responsabilidade pelos seus atos, Avellar coloca a culpa na ciência, como se esta fosse uma entidade que fomentou a sua desconfiança em relação à esposa para assim poder incorporar o cientista de forma plena e exclusiva. Esta posição presente em “A sombra” atesta a maneira como a Literatura Gótica em particular, desde Frankenstein, sempre apresentou um relacionamento ambíguo em relação à ciência e aos seus produtos. Como Avellar diz: “E, queres que te diga? A mais culpada em tudo isso foi a Ciência. Foi ela que me levou ao crime, porque o ciúme... o ciúme... Não havia motivo para ciúme. Celuta era honesta” (COELHO NETO, 1926, p. 204). Após isso, ele conclui: “Não foi o marido o assassino, foi o bacteriologista, o homem de ciência, o pratico de laboratório, entende?” (Ibidem).

Um misto de Alquimia, Espiritismo, Orientalismo, Ocultismo e teorias pseudo-científicas marca, portanto, a visão dos escritores da Literatura Gótica. Esta descrição certamente se encaixa no que Arhat chama de a “Magna Ciência”, utilizada para dar vida a James Marian.

Nos últimos capítulos, James parte do Brasil sem encontrar respostas sobre o seu livro de símbolos, não antes, porém, de aparecer diante do narrador para perguntar sobre a tradução do seu romance. Este se mostra estranhamente perturbado pela presença de James Marian, mas não sabe precisar a razão desta sensação. Algum tempo depois da conversa com o inglês, o narrador descobre a razão da sua perturbação: apesar de ter plena consciência de que conversou com James e que lhe entregou em mãos o seu romance traduzido, os moradores da pensão afirmam que o inglês já havia embarcado de volta à Europa há muito tempo. Como ele vem a descobrir posteriormente, ele conversou na verdade com uma manifestação do espírito do misterioso personagem. A percepção deste fato resulta em um colapso nervoso que leva o narrador ao final do romance a ser internado em um manicômio.

Apesar da interessante premissa do enredo desenvolvido com admirável precisão, a caracterização diferenciada dos personagens e a habilidade na construção do sobrenatural, o estilo rebuscado e extremamente beletrista característico de Coelho Neto acabou por obscurecer este interessante representante da Literatura Gótica brasileira da *Belle Époque*. Assim como a criatura mítica a que se refere, Esfinge não sobreviveu além do seu momento histórico-cultural, se atirando no precipício do ostracismo literário junto com toda a obra de Coelho Neto. Em sua obra, portanto, Coelho Neto demonstra através de elementos decadentistas e simbolistas que a Ciência Gótica foi capaz de promover o diálogo a respeito do impacto da ciência e do progresso sobre o homem nas esferas pública e privada no Brasil da época. Todavia, com o advento da Primeira Guerra Mundial e as questões que a sucederam os rumos da ficção científica brasileira mudaram, passando a refletir um novo zeitgeist que fomentou a ascensão da Literatura de Distopia.

O resultado da Primeira Guerra Mundial foi o traumático fim da *Belle Époque*, que enterrou o sonho de que o Progresso só podia ser bom junto com um saldo de dez milhões de mortos vítimas da guerra. Além disso, as conseqüências do pós-guerra fomentaram um ambiente de medos, angústias e ressentimentos que contribuiu para agravar profundamente os problemas sociais. Temendo a ameaça ao seu controle, as elites econômicas revelaram-se favoráveis à formação de governos



autoritários que pudessem recompor a ordem social sem questionamento do funcionamento do capitalismo. Essas idéias políticas abriram espaço para o avanço dos regimes totalitários que levariam o mundo à Segunda Guerra Mundial. É importante ressaltar que no caso brasileiro este traço autoritário na política já encontrava seu berço, como assinala J. M. de Carvalho em *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a república que não foi* (1987), bem antes da eclosão da grande guerra em 1914, com as históricas práticas oligárquicas exemplificadas na fraude eleitoral, a escassa participação política da população e o controle do país pelos grandes estados que enfraqueciam o poder da União.

Um ponto em comum entre os ideólogos do autoritarismo no Brasil e na Europa é a utilização do discurso científico para justificar e validar idéias sobre a posição inferior das camadas populares em relação à elite. Vejam-se as palavras de Fausto a esse respeito:

Pensadores como Oliveira Viana e Azevedo Amaral trataram de desvendar, com base nas ciências humanas, as razões da existência no Brasil de um povo, mas não de uma nação, buscando definir, a partir desse diagnóstico, os caminhos para a construção nacional. (FAUSTO, 2001, p. 19).

A distopia de Monteiro Lobato segue claramente essa linha de debate sobre o país, usando o discurso científico da eugenia como elemento chave. Esta postura está em consonância com a definição de Pré-modernismo proposta por Bosi: “Creio que se pode chamar de pré-modernista [...] tudo o que, nas primeiras décadas do século, problematiza a nossa realidade social e cultural” (BOSI, 1994, p. 197).

Monteiro Lobato, apresentou desde cedo em sua carreira o apreço pela literatura fantástica. Um traço constante na obra lobatiana, tanto na literatura adulta, quanto na infanto-juvenil (como ele gostava de dividir) é a defesa do progresso social e mental do povo brasileiro. Idéias que ele buscou desenvolver em seu romance de ficção científica *O Presidente negro*.

O romance de Monteiro Lobato se estrutura em dois planos: no primeiro o leitor é posto frente à narrativa do protagonista Ayrton sobre o seu enfadonho emprego como contador na firma Sá, Pato & Cia e à descrição da sua ânsia em adquirir um automóvel Ford. Após um acidente de trânsito em que destrói o carro, o personagem

é resgatado pelo professor Benson e é convidado a testemunhar os experimentos do cientista enquanto recupera a sua saúde. Neste ínterim, Ayrton se apaixona pela filha de Benson – Miss Jane – e passa a tentar fazer com que a jovem perceba os seus sentimentos em relação a ela. Já no segundo plano, Lobato retrata uma América onde, após a vitória inesperada de um candidato negro à Presidência, um cientista cria um produto que estira o cabelo crespo da população negra, visto que, segundo o seu criador, o maior sonho desta é ter o cabelo liso. O que os negros não sabem, porém, é que este procedimento também os deixa estéreis, se constituindo assim como uma estratégia para a extinção desta raça em poucas gerações.

Os elementos que levaram *O Presidente negro* a ser considerado, na expressão de Fausto Cunha, “um precursor indesejável” (CUNHA, 1974, p. 7) da ficção científica brasileira, devido ao seu teor elitista, excludente e racista, estão presentes desde o início do enredo, ambientado no período do entre guerras. Um exemplo disso está expresso pelo desejo do personagem Ayrton de possuir um automóvel. Mais do que um simples bem material, o automóvel é para Ayrton um meio de acesso para um admirável mundo novo, um passaporte para outro nível social, outra casta:

Ora, na rua eu via a humanidade dividida em duas castas, pedestres e rodantes, como os batizei aos homens comuns e aos que circulavam sobre quatro pneus. O pedestre, casta em que nasci e em que vivi até aos 26 anos, era um ser inquieto, de pouco rendimento, forçado a [...] operar prodígios para não ser amarrotado pelo orgulhoso e impassível rodante, o homem superior que não anda, mas desliza veloz. (LOBATO, 1966, p. 131-132)<sup>3</sup>

Não se pode deixar de notar aqui a semelhança entre o romance de Lobato e *A Máquina do Tempo*, de H. G. Wells, no que se refere ao papel dos produtos do progresso na constituição do tecido social. Neste romance de 1895, a viagem ao futuro de um cientista vitoriano revela a divisão da humanidade em duas raças distintas: os pacíficos e passivos moradores da superfície chamados de Elóis e os selvagens canibais habitantes do subsolo de nome Morlocks. A representação destes

---

<sup>3</sup> Citações subseqüentes pertencem a esta edição e serão identificadas no texto pelo número da página.



dois lados do homem foi considerada uma clara crítica do escritor inglês aos rumos da Revolução Industrial e o que poderia acontecer com o proletariado (os Morlocks) caso continuassem a serem excluídos e explorados pelas classes mais abastadas (os Elóis). A influência das teorias de Darwin também está presente no retrato dos Elóis e dos Morlocks como resultado da evolução de seus ambientes. Este princípio científico foi deturpado pelas classes dirigentes na Europa e no Brasil para igualar pobreza a marginalidade. As semelhanças entre Lobato e Wells, contudo, não param por aí.

Escrito originalmente em 1926 para o rodapé da revista *A Manhã* de Mário Rodrigues, *O Presidente negro ou O choque das raças* (romance americano do ano 2228) apresenta em sua segunda edição, de 1945, um prefácio bastante elucidativo da ideologia que estrutura o seu enredo. Conforme afirmam os editores do livro:

[...] [o romance] encerra um quadro do que realmente seria o mundo de amanhã, se fosse Lobato o reformador – e em muitos pontos havemos de concordar que sob aparências brincalhonas brilha um pensamento de grande penetração psicológica e social. O conserto do mundo pela eugenia, [...] Como H. G. Wells, Monteiro Lobato talvez não tenha imaginado coisas, e sim apenas antecipado coisas (p. 125).

Monteiro Lobato e H. G. Wells compartilharam do mesmo *zeitgeist* ao elaborarem enredos onde a ciência era aplicada como um instrumento de intervenção direta na organização da sociedade. No caso específico de *O Presidente negro* esse diálogo entre a ficção científica britânica e a brasileira se torna mais estreito devido ao envolvimento dos dois escritores no debate das grandes questões sociais do seu tempo.

O romance ganha um novo impulso quando Ayrton sofre o acidente de carro durante um passeio em alta velocidade na serra de Friburgo, no Rio de Janeiro. Ao acordar no castelo do professor Benson, Ayrton (e o leitor) é exposto a uma longa e complicada explanação ministrada pelo cientista. Toda essa seção do romance tem o propósito de explicar a Ayrton o princípio da maior invenção do professor Benson: o “porviroscópio”. Ou seja, é uma máquina que, como o nome indica, tem a capacidade de oferecer uma janela de visão de eventos futuros.

Na explicação sobre os limites temporais da máquina, Jane comenta a perplexidade sentida por ela e o pai ao constatarem que a população da França do ano 3527 apresentava sinais evidentes de mongolismo: “Tinham-se derramado pela Europa os mongóis e se substituído à raça branca” (p. 173). Diante do horror de Ayrton tentando entender as razões dessa realidade, Jane comenta: “O amarelo vencerá o branco europeu por dois motivos muito simples: come menos e prolifera mais. Só se salvará da absorção o branco da América” (p. 174). Percebe-se no comentário da personagem de Lobato o preconceito racial contra o imigrante de origem diferente da pretensa “raça branca”. Essa postura de cunho eugenista encontrou eco de forma específica na América Latina onde o desejo de transformação racial esteve diretamente ligado à formação das identidades nacionais e ao desejo de mudar a visão negativa de europeus sobre a realidade racial da região. No Brasil em particular a miscigenação da população foi combatida, conforme afirma Pietra Diwan em *Raça pura: uma história da eugenia no Brasil e no mundo* (2007), como uma questão de deterioração racial contra a qual projetos de branqueamento do povo brasileiro foram colocados em prática através do incentivo à entrada no Brasil de imigrantes europeus.

A ressalva feita por Miss Jane de que “Só se salvará da absorção o branco da América” abre espaço para a análise da sociedade norte-americana, razão principal do romance. O fascínio que os Estados Unidos exercem sobre Ayrton (e Monteiro Lobato) leva a filha de Benson a convidá-lo a escrever um romance a partir dos eventos que serão mostrados. O narrador fica entusiasmado com a proposta e revela como irá desenvolver este projeto: “Será romance como os de Wells, porém verdadeiro, o que lhe requintará o sabor. Quanta novidade!” (p. 183). Este elemento meta-ficcional não deixa dúvidas sobre a leitura de obras de H. G. Wells feita por Monteiro Lobato, em especial a dos romances *Uma Utopia Moderna* e *História dos tempos futuros*. Esta afirmação se confirma na descrição da sociedade norte-americana do futuro na qual se constata a presença de diferentes elementos originários das ficções distópicas wellsianas e que se tornaram convenções da Literatura de Distopia.



Uma delas é a ênfase na organização racionalista da sociedade cujas raízes remontam à República de Platão.

Todavia, como destaca Tom Moylan, o ponto principal que caracteriza uma distopia é a opressão do indivíduo pela sociedade através de mecanismos de controle e coerção. Neste aspecto, o romance de Monteiro Lobato toma impulso a partir do capítulo XI intitulado “No ano 2228” (p. 209) no qual o escritor tem a chance de apresentar em detalhes a sua visão sobre como a sociedade humana seria estruturada e organizada caso fosse ele o responsável por tal projeto. Mais uma vez deve ser ressaltado que Lobato veiculou em *O Presidente negro* idéias e desejos nutridos pela classe dirigente ao longo de todo o período da República Velha, quando o propósito de imitar a Europa levou o Brasil a renegar o seu próprio povo. Estas idéias e desejos se traduziram em outras distopias brasileiras no período do entre guerras, tais como *O Reino de Kiato*, de Rodolpho Theophilo, e *Sua Excia. a Presidente da República no ano 2500*, de Adalzira Bittencourt.

Em *O Presidente negro* esse projeto social lobatiano tem um alvo direto: o negro. Considerada um entrave ao pleno desenvolvimento dos Estados Unidos da América, a população negra passou a ser objeto de uma série de medidas que visavam controlar a sua expansão. Para isso foi criado um “Ministério da Seleção Artificial” cujo objetivo era aplicar a Lei Owen de 2031, quando a eugenia se tornou política pública e passou a eliminar os impuros, ou seja, as pessoas com deficiência física e mental, criminosos e prostitutas. No entanto, apesar de terem sido submetidos aos mesmos procedimentos que os brancos indesejados, os negros não apenas sobreviveram como também aumentaram o seu número. A expatriação dos negros não é um processo viável devido aos altos custos envolvidos na operação. Outro fator agravante na situação dos negros norte-americanos em *O Presidente negro* foi a despigmentação a que os mesmos se submeteram para eliminar a cor escura, transformando-os em albinos. Esse procedimento aumentou o ódio dos brancos por igualar negros e brancos em termos de cor de pele, e isso mostra que o racismo se alicerça em bases invisíveis, se alimentando da intolerância em relação ao Outro.

A tensão entre negros e brancos alcança o seu limite na octogésima oitava eleição presidencial norte-americana, dividida inicialmente entre o candidato à reeleição do Partido Masculino (uma fusão dos Democratas e Republicanos) - o Presidente Kerlog - e a candidata feminista do Partido Feminino - Miss Evely Astor. Astor é uma seguidora do Elvinismo (p. 223), que prega uma versão radical do Feminismo e espera contar com o apoio do líder negro Jim Roy, com o argumento de que, uma vez unidos, mulheres e negros poderiam acabar com séculos de opressão do patriarcado caucasiano. Kerlog, por sua vez, conta com a condição masculina de Roy e uma promessa de atenuação da lei eugênica contra os negros para contar com o apoio destes. Todavia, para surpresa de Kerlog e Astor, Jim Roy se aproveita da divisão do eleitorado branco e se apresenta como candidato, vencendo a eleição com os votos dos negros.

A eleição do Presidente negro Jim Roy age como um catalisador da causa branca. Lobato aproveita a situação para tecer uma visão negativa do feminismo ao mostrar o abandono do Elvinismo por Evely Castor para voltar à submissão junto aos homens em prol da defesa do status quo. Jim, por sua vez, visita o Presidente Kerlog para propor um novo futuro de convivência pacífica entre brancos e negros. Kerlog, porém, surpreende o líder negro: “Como homem admiro-te, Jim. Vejo em ti o irmão e sinto o gênio. Mas como branco só vejo em ti o inimigo a esmagar...” (p. 271). Neste momento Lobato não perde a chance de mostrar o negro como um ser de natureza vacilante e débil, como se quisesse demonstrar a sua incapacidade de liderança: “O sangue branco tinha a dureza do diamante. [...] Tudo isso, num clarão, viu Jim Roy naquele homem que sereno o arrostava. E o que ainda havia de escravo no sangue do grande negro vacilou. Jim sentiu-se como retina ferida pelo sol” (p. 272).

Os brancos não tardam a agir, mesmo que desafiando a Constituição ao não legitimar o vitorioso de uma eleição livre. Kerlog, no entanto, tem resposta para isso: “Acima da Constituição vejo o Sangue Ariano. O negro nos desafia. Cumpre-nos aceitar a luva e organizar a guerra” (p. 279). A resposta para o Presidente negro vem de uma invenção do cientista Dudley. Contando com a felicidade dos negros norte-americanos por terem eleito um Presidente dos seus, o cientista oferece uma solução



para os cabelos crespos da população através da exposição aos raios Omega: “Vir agora, e assim de chofre, o resto, o cabelo liso e sedoso, a supressão do teimoso estigma de Cam,” (p. 298). O que os negros não sabiam, porém, era que o mesmo tratamento voltado para alisar-lhes o cabelo tinha como propósito verdadeiro a completa esterilização da raça negra. Apenas o líder negro descobre o estratagema dos brancos, mas tarde demais: “Dos negros um só tivera a sua revelação, Jim Roy, mas levara-o consigo para o forno crematório.” (p. 321). Os meses passam e a taxa de natalidade entre a população negra cai drasticamente até que o plano seja revelado à nação norte-americana através da revisão da lei eugênica: “A convenção da raça branca decide alterar a Lei Owen no sentido de incluir entre as taras que implicam a esterilização o pigmento negro camuflado...” (p. 322). A América do Norte está limpa. Monteiro Lobato fecha a apresentação do seu projeto social para o pleno desenvolvimento de uma nação.

Este estudo procurou demonstrar através de uma abordagem comparativa que a literatura fantástica conhecida como Ficção Científica se manifestou no cenário literário brasileiro no mesmo contexto histórico em que esta se desenvolveu na Europa e nos Estados Unidos, ou seja, nas últimas décadas do século XIX e nas primeiras do XX. Para discutir tal proposta foram levantadas aqui duas hipóteses para o não desenvolvimento da Ciência Gótica na Literatura Brasileira: 1) sua intrínseca ligação com o momento histórico-cultural quando a ciência e os produtos do progresso eram capazes de desestruturar a relação do homem com a sociedade e; 2) a situação do Parnasianismo como estilo literário dominante da época. Este fato eclipsou a disseminação da Ciência Gótica intimamente vinculada à estética simbolista e decadentista. Outro ponto levantado pela pesquisa demonstrou que a principal razão para a pouca penetração do romance de distopia nacional no cenário literário do país ocorreu a partir dos anos de 1940, quando a ficção científica inglesa foi suplantada pela ficção científica norte-americana, caracterizada por uma visão de futuro otimista e de forte teor propagandista do *American way of life*. Essa visão americana da ciência e da tecnologia como arautos de um futuro promissor não encontrou eco entre os escritores brasileiros, mais ligados às questões sociais também

presentes na literatura inglesa do período. Tal quadro inibiu o surgimento de novas obras da literatura de Distopia brasileira que dariam continuidade ao processo iniciado nos anos de 1920 por Theophilo, Lobato e Bittencourt.

Outro ponto em comum também observado entre as duas vertentes da ficção científica brasileira durante a República Velha é que, diferentemente da ficção brasileira da época marcada pela estética romântica e realista francesa de Dumas, Flaubert, Zola e Maupassant, o romance de ficção científica brasileiro foi dominado em quase toda a sua totalidade pela estética dos escritores norte-americanos e britânicos como Edgar Allan Poe, Nathaniel Hawthorne, Arthur Conan Doyle, Robert Louis Stevenson e principalmente H. G. Wells.

Ao longo dos últimos anos, escritores e críticos brasileiros e estrangeiros como Roberto de Sousa Causo, Bráulio Tavares e Elizabeth Ginway vêm buscando mudar a situação que levou Fausto Cunha a considerar a ficção científica no Brasil como “um planeta quase desabitado” (CUNHA, 1974, p. 7). Este trabalho se insere nesta linha ao apontar algumas das razões para a pouca penetração desta forma narrativa na nossa literatura, as manifestações da FC no Brasil e as circunstâncias histórico-culturais do seu aparecimento em nosso meio. Longe de serem conclusivas, as idéias aqui expostas devem ser consideradas um convite para que futuros pesquisadores empreendam mais visitas ao admirável mundo novo da ficção científica brasileira na República Velha.

### **Referências Bibliográficas**

- ALLEN, L. David. *No mundo da ficção científica*. São Paulo: Summus editorial, 1974.
- BAKER, Robert S. The Modern Dystopia: Huxley, H. G. Wells, and Eugene Zamiatin. In: \_\_\_\_\_. *Brave New World: History, Science and Dystopia*. Boston: Twayne Publishers, 1990, p. 36-45.
- BOOKER, M. Keith. *The Dystopian Impulse in Modern Literature*. London: Greenwood Press, 1994.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 38ed. São Paulo: Cultrix, 1994.
- CARVALHO, J. M. de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a república que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.



- CAUSO, Roberto de Souza. *Ficção científica, fantasia e horror no Brasil: 1875-1950*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- CLUTE, John; NICHOLLS, Peter. Gothic SF. In: \_\_\_\_ (eds.). *The Encyclopedia of Science Fiction*. New York: St. Martin's Press, 1993, p. 510-512.
- \_\_\_\_\_. *The Encyclopedia of Science Fiction*. London: Dorling Kindersley, 1995.
- COELHO NETO. Conversão. In: \_\_\_\_\_. *Contos da vida e da morte*. Porto: Livraria Chardron, 1926, p. 19-24.
- \_\_\_\_\_. Esfinge. Porto: Livraria Chardron, 1906.
- \_\_\_\_\_. Herdeiro. In: \_\_\_\_\_. *Contos da vida e da morte*. Porto: Livraria Chardron, 1926, p. 155-161.
- CUNHA, Fausto. A ficção científica no Brasil: um planeta quase desabitado. In: ALLEN, L. David. *No mundo da ficção científica*. São Paulo: Summus editorial, 1974, p. 5-20.
- DIWAN, Pietra. Eugenia, a biologia como farsa. In: *História viva*. São Paulo, Edição 49, ano V, p. 76-81, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Raça pura: uma história da eugenia no Brasil e no mundo*. São Paulo: Contexto, 2007.
- EL FAR, Alessandra. *Páginas de sensação: literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- FAUSTO, Boris. *O pensamento nacionalista autoritário: 1920-1940*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2001.
- GABRIELLI, Murilo Garcia. A obstrução ao fantástico como proscricção da incerteza na literatura brasileira. Rio de Janeiro, UERJ, Instituto de Letras, 2004. 157 fl. digitadas. Tese de Doutorado em Literatura Comparada.
- LOBATO, Monteiro. *O presidente negro*. In: \_\_\_\_\_. *A onda verde e O presidente negro*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1966. (Obras completas de Monteiro Lobato - vol 5).
- MOYLAN, Tom. *Scraps of the Untainted Sky*. Colorado: Westview Press, 2000.
- NEEDELL, Jeffrey D. Rio de Janeiro at the Turn of the Century: modernization and the Parisian ideal. In: HARRISON, John P. (ed.) *Journal of Interamerican Studies and World Affairs*. Vol. 25 nº 1. Fevereiro. Beverly Hills: Sage Publications, 1983.
- PORRU, Mauro. Prefácios do imaginário decadentista. In: COUTINHO, Luiz Edmundo Bouças. (Org.). *Arte e artifício: manobras de fim-de-século*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002. p. 57-68.
- SEVCENKO, Nicolau. *A revolta da vacina: mentes insanas em corpos rebeldes*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984. (Coleção Tudo é História)
- SHELLEY, Mary. *Frankenstein*. London: Wordsworth Editions, 1993. (Wordsworth classics).
- SILVA, Alexander Meireles. *Literatura inglesa para brasileiros: curso completo de cultura e literatura inglesa para estudantes brasileiros*. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna, 2005.
- TAVARES, Bráulio. As origens da ficção científica no Brasil. *D. O. Leitura*, n. 138, nov. 1993. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado S. A. IMESP.
- \_\_\_\_\_. (org.) *Páginas de sombra: contos fantásticos brasileiros*. Rio de Janeiro: Casa da palavra, 2003.